



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

Davi Pedrosa Marques

**A REPRESENTAÇÃO DAS MINORIAS SOCIAIS E DA SUBJETIVIDADE NA
PERSPECTIVA DE *ENQUANTO OS DENTES***

RIO DE JANEIRO

2024

DAVI PEDROSA MARQUES

**A REPRESENTAÇÃO DAS MINORIAS SOCIAIS E DA
SUBJETIVIDADE NA PERSPECTIVA DE *ENQUANTO OS
DENTES***

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito para a obtenção do título de Licenciado
em Letras na habilitação Português Literaturas de
Língua Portuguesa.

Orientadora: Danielle Corpas

Avaliador:

RIO DE JANEIRO
2024

CIP - Catalogação na Publicação

P414r Pedrosa Marques, Davi
 A Representação das minorias sociais e da
 subjetividade na perspectiva de Enquanto os Dentes
 / Davi Pedrosa Marques. -- Rio de Janeiro, 2024.
 35 f.

 Orientadora: Danielle dos Santos Corpas.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
 de Letras, Licenciado em Letras: Português -
 Literaturas, 2024.

 1. Representação literária. 2. Minorias sociais.
 3. Subjetividade. 4. Carlos Eduardo Pereira. 5.
 Enquanto os dentes. I. dos Santos Corpas, Danielle
 , orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Mesmo que as noites possam ser obscuras e densas, os dias mais longos e sinuosos, desistir nunca foi uma opção para quem é nascido para a batalha.

Dedico esta monografia a toda a minha trajetória, história e perseverança nessa fase da minha vida na UFRJ

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido iniciar e chegar até ao final da minha graduação;

Agradeço ao meu pai (o qual não está mais presente) por ter me incentivado com o seu zeloso exemplo e suas palavras de ânimo, sempre com um sorriso no rosto. O mesmo foi imprescindível para a minha entrada e continuidade no curso de Letras e Literatura;

A minha amada e preciosa mãe, a qual foi essencial para a permanência na Universidade Federal do Rio de Janeiro e por sempre me apoiar na busca dos meus objetivos;

Agradeço à minha orientadora, Danielle Corpas, pela oportunidade de trabalho conjunto na realização de trabalho de conclusão de curso e pela inspiração derivada da profissional excelente, a qual constituiu-se;

Também, ao professor Marcel Alvaro de Amorim por toda a sua dedicação e apoio ao longo da jornada acadêmica. Por me inspirar como exemplo de docente a ser seguido;

Agradeço a minha gatinha, Sarah, por longas horas passadas juntos, enquanto eu escrevia esta monografia, e também a todas as minhas outras gatinhas (e aos que já não estão aqui);

E ao meu irmão, Daniel, por sempre me incentivar na carreira acadêmica. Sempre transfigurando-se como um ponto de apoio para me amparar nessa jornada;

Por fim, agradeço aos meus queridos amigos, Rafael, por todo auxílio prestado, a Edilson por todo apoio ao longo de vários dias, e a todos os meus amigos que estiveram ao meu lado nas horas mais difíceis.

RESUMO

O presente trabalho constitui um estudo das representações das minorias sociais e do lugar subjetivo na literatura através da ótica literária de *Enquanto os Dentes*, romance de Carlos Eduardo Pereira. Dessa forma, é debatido como as categorias sociais são construídas e desenvolvidas no livro levando em conta as necessidades de uma sociedade contemporânea, bem como o lugar do sujeito diante da ordem social. Ou seja, quais são os sentimentos desse ser, quais as angústias, quais os desejos, qual a identidade, no equacionamento entre coletividade e individualidade. Além disso, é exposta a relevância da tríade do autor, narrador e personagem nessa narrativa. Pois, a forma desse entrelaçamento afeta a obra de maneira geral. E, por fim, atrelado aos elementos narrativos presentes, serão suscitados aspectos estéticos intrínsecos e característicos da obra narrativa *Enquanto os Dentes*.

ABSTRACT

This thesis delves into the intricate representations of social minorities and subjective positioning within the literary realm, guided by Carlos Eduardo Pereira's captivating novel "Enquanto os Dentes". It meticulously examines the construction and evolution of social categories within the narrative, taking into account the demands of a contemporary society and the individual's place within the established social order. The study probes the depths of the characters' emotions, anxieties, desires, and identities, exploring the delicate balance between collective and individual experiences. Additionally, it sheds light on the significance of the author-narrator-character triad in shaping the overall narrative. Finally, the thesis delves into the intrinsic aesthetic elements that characterize "Enquanto os Dentes", drawing upon the richness of its narrative elements.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM E O VIÉS FIDEDIGNO NA RETRATAÇÃO DAS MINORIAS	9
2.1. Vários Antônio e a problematização da representação de personagens na literatura	9
2.2. A Descoberta da homossexualidade/homoafetividade	12
2.3. A Retratação de pessoas com necessidades específicas	15
3. O LUGAR SUBJETIVO	18
4. TRÍADE: AUTOR, NARRADOR E PERSONAGEM	22
4.1. A concepção de um personagem	22
4.2. Autor, narrador e foco narrativo	24
5. ELEMENTOS DA NARRATIVA E ESTÉTICOS QUE COMPÕEM A PERSPECTIVA LITERÁRIA DA OBRA	27
5.1. Enquadramento de perspectivas	28
5.2. Vai e vem do Antônio	29
5.3. Sentimento de desesperança evocado é compartilhado com tanta gente	30
6. CONCLUSÃO	33
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	34

INTRODUÇÃO

Quando o assunto são obras literárias, à primeira vista, na superficialidade do olhar humano, o que chama a atenção em um livro é sua capa e por conseguinte sua sinopse. Para os leitores mais assíduos e para os críticos de plantão, há outros critérios mais importantes a serem levados em conta. Então, surge outra etapa, ver-se preso na leitura de uma obra após um contato minimamente aceitável. Etapa delicada e que envolve interesses particulares. Mas, interesses à parte, surge uma prerrogativa: o que afeiçoa os leitores a um livro? Já estando ciente do gênero da obra, talvez o desenrolar da história, o desenvolvimento dos personagens, ou mesmo a forma como a história está sendo contada. São muitos os aspectos responsáveis para estabelecer uma ligação do leitor com o livro, principalmente quando falamos de romances ou nuances narrativas. Porém, tanto com relação a um viés coletivo quanto a um viés subjetivo, existe uma preocupação atual com as formas de representação na literatura.

O significado de literatura é mutável e envolto em discussões (Lajolo, 2018). Entretanto, pode-se definir literatura, de modo muito básico,¹ como uma forma de representação artística para fins estéticos no ato da escrita (Luiza, Nogueira, Fadel, 2005, p. 10-11). E levando em consideração o entendimento sobre o significado de literatura e as demandas de um público cada vez mais engajado com a literatura contemporânea, existe também um nó central para amarrar essas exigências. Este nó situa-se justamente na relação estabelecida entre o autor e seus personagens, e da realidade destes, diante das coligações de ideias que serão desenvolvidas e relatadas através das representações na obra, de como a coagulação dessas ideias irão fluir, isto é, como as ideias irão se juntar de modo a formar um todo, formando uma amálgama mais consistente e em uma tessitura maior chamada enredo.

Indubitavelmente a retratação das minorias e do lugar subjetivo são fatores de peso que atendem os critérios da literatura contemporânea, colocando em xeque a relação do autor com os personagens de sua obra. Assim, exige-se do autor uma sensibilidade maior com relação à realidade vigente, na qual estamos inseridos. É preciso um olhar atento como a de um fotógrafo, a fim de retratar certas nuances e peculiaridades. Por conseguinte, diante da perspectiva literária da obra *Enquanto os Dentes*, de Carlos Eduardo Pereira, objetiva-se tensionar as formas de representação das minorias, dentro de um viés coletivo, e do lugar subjetivo, isto é, dentro da individualidade do sujeito enquanto ser humano.

¹ Não há uma unanimidade concernente ao conceito de literatura pois o mesmo é mutável e complexo.

2. A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM E O VIÉS FIDEDIGNO NA REPRESENTAÇÃO DAS MINORIAS

As experiências do protagonista de *Enquanto os Dentes*, Antônio, advêm de um lugar subjetivo, porque são vivenciadas e experienciadas pelo mesmo, mas contemplam um lugar coletivo comum. Na obra, existem diversos pontos de ligações que conectam experiências cotidianas a diversos tipos de pessoas que passam ou passaram por situações similares às de Antônio: a descoberta da sexualidade, os desafios suscitados diante de sua condição enquanto usuário de cadeira de rodas, a sua rotina no quartel, o fato de ser um jovem universitário cheio de vida, com ideias e trabalhos brilhantes, mas acometido por um malefício cruel.

2.1. Vários Antônio e a problematização da representação de personagens na literatura

Preto, pobre, gay e cadeirante. Essas características fazem parte de quem Antônio é. O livro, então, debruça-se sobre a vida presente de Antônio enquanto, pouco a pouco, seu passado é revirado e remontado através de flashbacks. Cada memória, cada lembrança marcante, cada ferida é revivida no que parece ser agora um novo começo. Ou, um novo fim.

Antes de sua condição agravar-se, Antônio tivera uma vida com uma administração financeira estável. Estudava, trabalhava, se divertia, comia, transava, vivia! Aliás, sua vida é relatada com toda naturalidade possível, criando um tom intimista com os leitores e os aproximando de sua realidade, ao passo que cada leitor irá se identificar mais ou menos, de acordo com **o lugar comum** compartilhado.

Em trechos recortados são compartilhadas sua juventude, sua rotina no quartel, seu dia a dia com a família rígida, na qual devia obediência absoluta ao “general” (a figura paterna “carinhosamente” apelidada assim). Antônio faz um duplo movimento de desvelar e encobrir a sua sexualidade, deve atender aos anseios do pai por seguir um modelo de “filho perfeito”. Era estrela do time de vôlei, precisava tirar as notas mais altas para evitar uma surra e fazia de forma zelosa suas obrigações dentro de casa e na Marinha.

Não há dúvidas que os **grupos marginalizados vivenciam uma identidade coletiva** (Dalcastagnè, 2012, p. 17). A qual, ao longo do tempo, carrega estigmas provenientes da cultura dominante. Hoje, porém, o cenário é um tanto diferente, quando entendemos que a

literatura não só dá conta das formas de representação da realidade mas, também, como essas representações abrangem um conjunto de perspectivas e **percepções sociais**.

Em contrapartida com uma perspectiva social, no que diz respeito à retratação das minorias, existem modos de representação recheados de equívocos, que criam **estereótipos** dos indivíduos marginalizados. A título de exemplo, as formas de representações de pessoas negras na literatura mudou com o passar do tempo, mas certos livros são como marcas na história, os quais carregam o exotismo, a romantização e a subjugação de corpos negros, lembrando-nos que a cada esquina aparecem formas preconceituosas de representação².

O **status quo** aliado à tradição literária impulsionou um modelo exótico para pessoas negras durante muito tempo na literatura, com a manutenção dos estereótipos e de **modelos** comuns que alimentam medo, preconceito e o sentimento de inferioridade (Dalcastagnè, 2012, p. 24). Assim, as personagens eram sempre apresentadas de forma animalizada ou inferiores racialmente. Ou, ainda geralmente abordadas com desdém, ridicularização. Outro modelo bastante comum e genérico dos modos de representação do marginalizado é a romantização de indivíduos pretos. Comumente retratados como dignos de piedade, caricaturados, sem autonomia suficiente para dirigir o próprio destino, quando não possuem alguma virtude, são seus vícios os explorados (Dalcastagnè, 2012, p. 29). Por fim, uma outra forma mais contemporânea é a “perspectiva de dentro” - daqueles autores que se transfiguram como "o outro" (Dalcastagnè, 2012, p. 24).

E como é possível reconhecer nos modelos de representação essa série de equívocos? Através da linguagem e da relação da tríade autor, narrador e personagem, porque muitas vezes o autor utiliza-se de certas características para retratar-se em um personagem; através do papel exercido pelo personagem no enredo/trama; além do que já fora citado sobre os modelos utilizados. A título de exemplo, a crítica literária Regina Dalcastagnè tece fortes críticas a respeito desses modelos de representação em diversas obras literárias, inclusive *Feliz Ano Novo*, uma coletânea de contos de Rubem Fonseca.

[...] Observando pela perspectiva dos “bem situados na vida” - nós, os leitores de Rubem Fonseca -, provavelmente acharemos alguma graça no executivo e nos sentiremos mais uma vez ameaçados pelos rapazes da favela. Nesse caso, o que a narrativa traz de novo sobre o outro que se inscreve sob a categoria marginal? (Dalcastagnè, 2012, p. 25).

Redirecionando a atenção para *Enquanto os Dentes*, essa discussão torna-se

² A título de exemplo, pode-se encontrar as ditas formas irreais de representação em *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. No caso do *O Cortiço*, vale mencionar a personagem Rita Baiana, a qual era sexualizada através de menções ao seu corpo.

necessária justamente porque Antônio é preto, mas em nenhum momento no livro é estereotipado devido a sua cor de pele. Muito menos esse fato é explorado de maneira sentimentalista ou de alguma forma ele é caricaturado. O personagem abarca um conjunto de características vulneráveis socialmente. Então, de maneira geral, não há um exotismo presente. Antônio não é menosprezado por ser gay ou ridicularizado por sua condição clínica; não há, também, uma romantização. Além disso, o narrador não o coloca como alguém que precisasse de uma série de cuidados nem o retrata como uma pessoa frágil, que precisasse de “caridade”. Ao contrário, o protagonista continua ativo, tomando as rédeas da sua vida, tendo autonomia em suas ações, “nadando contra a corrente”, embora tenha uma série de obstáculos, literais ou não, no seu caminho. Há sim, obviamente, o olhar das pessoas para com Antônio, às vezes o tratando com indiferença, ignorando a sua presença por conta de algum desconforto aparente, ou muitas das vezes o colocando em um lugar de vítima, de alguém que precisasse a todo tempo de cuidados. Aliás, o narrador descreve como o personagem sente-se com esses “olhares” e relata o seu aparente desconforto.

Na rua, as pessoas vivem olhando Antônio. E ele sorri. É de se imaginar o que elas pensam ao cruzar com um cadeirante desacompanhado. Tem gente que basta topar com um infeliz numa cadeira de rodas que logo se oferece para prestar algum tipo de ajuda. Geralmente os que não podem nem consigo mesmos. Esta tarde já vieram duas velhotas de cabelo lilás, um altão com camisa do Vasco e uma magrela. Só que Antônio não quer nada além de ficar por aqui, fazer um intervalo para depois seguir seu caminho. A vontade dele é de mandar para o inferno todos eles. Mas não foi essa a educação que recebeu. Por mais que não queira, que não possa, é obrigado a devolver o sorriso. O melhor sorriso. (PEREIRA, 2017, p. 10)

Obviamente, Antônio possui, sim, suas necessidades específicas, assim como todo ser humano, além de ter passado por momentos em que seu psicológico ficou abalado, até mesmo quando iniciou o processo de adaptação à cadeira de rodas. Então, o livro aborda bem esse viés humanizador, sem superestimar ou inferiorizar o personagem. Apenas tornando públicos os acontecimentos de sua vida e trazendo o enfoque para quem ele realmente é.

Além disso, algo bastante interessante é que não há ninguém falando sob a perspectiva do “outro”. Antônio não é reduzido a uma característica, ou colocado em uma caixinha. O próprio autor possui **lugar de fala**, pois é negro e cadeirante, tem aquilo que Dalcastagnè chama de **legitimidade** para falar (2012, p. 17). E é como a própria autora afirma: “Mesmo que outros possam ser sensíveis e solidários a seus problemas, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente.[...]” (Dalcastagnè, 2012, p. 20)

No que muitos autores falharam no passado, *Enquanto os dentes*, para atingir uma direção assertiva nas formas de retratação de um personagem marginalizado pela sociedade, propaga uma **pluralidade diante de uma perspectiva social**.

2.2. A Descoberta da homossexualidade/homoafetividade

Nossa sociedade brasileira ainda é muito retrógrada e conservadora, ainda mais no que diz respeito aos papéis de gênero e à sexualidade. Apesar dos avanços nas causas e nos direitos LGBTQIA+, as pessoas ainda sofrem discriminação, preconceito, violência e diversos crimes de ódio. Infelizmente Antônio entra nas várias estatísticas de casos compartilhados por vários jovens gays, ainda mais com relação a uma geração anterior à atual. Então, seu caso é um espelho para diversas outras experiências, traumas e feridas que são abertas, tendo que viver uma vida dupla, tendo que ocultar sua orientação sexual e homoafetiva. Quantos jovens iguais a Antônio não tiveram uma figura paterna, um “comandante”, um “coronel”, o qual ditasse que papel deveria assumir diante de uma suposta masculinidade? Com certeza incontáveis.

O livro narra a relação de Antônio com os pais e como os pais tiveram ciência de sua sexualidade, principalmente trazendo a atenção para o pai, até o rompimento dessa relação. Essa figura paterna muito forte, autoritária, rígida e inflexível, a qual ditava o que Antônio deveria fazer, é similar a indivíduos presentes na nossa sociedade, os quais reproduzem sistematicamente um papel impregnado e o reproduzem, determinando assim como outros indivíduos deveriam portar-se para assumir a tal figura masculina.

Para seguir os passos do pai e a mando do mesmo, Antônio foi para a Marinha. Não é atoa que o seu pai era nomeado como comandante. Para muitos era visto como uma figura de autoridade respeitosa, mas para Antônio essa nomenclatura assumia outro significado, talvez pela forma como ele o enxergava. Nas primeiras páginas é contada pelo narrador a história de como o comandante conheceu a mãe de Antônio e alguns dos seus encontros. Também conta como foi o processo de ambos, pai e filho, para entrar na Marinha. O comandante estudou sozinho, não teve preparatório e não teve muitas dificuldades para se integrar. Já Antônio não teve a mesma sorte. Fez o curso preparatório e, quando entrou na instituição, encarou uma realidade mais dura, porque o pessoal já era entrosado e,

possivelmente, tinham um conhecimento prévio devido à vantagem **de um capital cultural**³, enquanto Antônio era de origem humilde (PEREIRA, 2017, p. 11-12).

Em diversos trechos é exposto um ponto deveras cruel. O fato de Antônio ter sido gerado para suprir as idealizações do pai, revela um aspecto desumanizador do sujeito. Ele não poderia ser ele mesmo, mas deveria viver à sombra de outrem, era como se fosse apenas uma cópia. Não é para menos que os dois possuíam o mesmo nome e o protagonista fora registrado como Antônio da Silva e Silva (PEREIRA, 2017, p.21).

A orientação homoafetiva é um assunto muito recorrente na obra em uma série de momentos repletos de digressões e reflexões a partir do presente de Antônio, que está voltando para a casa do seu pai. Imagine-se o quanto deve ser doloroso voltar para a casa de uma figura que lhe ocasionou muita dor, um rapaz que sempre foi independente, agora encontra-se em uma situação controversa. Seus pais nem desconfiavam de sua orientação sexual, até porque ele assim que pôde saiu de sua casa quando abandonou a Marinha. Todavia, apesar de toda a hostilidade sofrida, Antônio, depois do acidente que o tornou paraplégico, conseguiu obter um melhor tratamento dos seus pais e mantiveram uma boa relação, pelo menos por um tempo (PEREIRA, 2017, p. 82-83)

Outra ambientação recorrente do romance é a rotina na Marinha. Há registros de situações homofóbicas na instituição, não à toa, Antônio e outros burlavam regras e omitiam sua identidade para evitar as possíveis consequências. Inclusive durante as viagens, onde vivia casos sigilosos. E apesar de ser a estrela do time de vôlei e ter toda uma artimanha para burlar o sistema, ele não teve um começo fácil (PEREIRA, 2017, p. 68). Mas estar na marinha não o agradava, então não demorou muito para Antônio abandonar aquela vida que não era a dele. Nesse momento, ele dirigiu-se ao capitão para avisar de sua desistência da instituição e o mesmo promoveu todo um discurso de dissuasão com falas problemáticas sobre a concepção do que é ser homem: “[...] Acredite, aqui se forjam homens de verdade [...]” (PEREIRA, 2017, p. 40-41).

Entender como o sistema patriarcal está presente no romance significa entender a estrutura opressora que esmagava Antônio diariamente, e que ainda esmaga milhões de pessoas, além de seus efeitos nocivos. Como dito anteriormente, Antônio estava vivendo uma vida que não era a dele. Arrumando **pretendentes** de mentiras, seguindo uma profissão que não o realizava e comportando-se como outra pessoa, tudo para atender aos anseios de seu

³ Capital cultural é uma expressão cunhada por Pierre Bourdieu para analisar situações discrepantes entre as classes em uma sociedade. Diz respeito à possibilidade de transmissão de bens materiais e imateriais repassados aos familiares ou à falta deles.

pai. Até decidir largar a Marinha e ir morar sozinho por conta própria seguiu este ciclo. Entretanto, sua mãe ainda constava nesse sistema. A mesma dedicou sua vida para atender às necessidades do marido, zelar pelo lar e pela religiosidade. Até mesmo é comparada a um robô japonês, pois a vida dela é voltada única e exclusivamente para as funções e afazeres domésticos: “Até o dia acabar é louça, lanche, louça, jantar e louça. Nos intervalos ela reza” (PEREIRA, 2017, p. 35).

É interessante perceber que o protagonista é descrito como um homem forte, que praticara vários esportes, tendo várias profissões, mas temia o próprio pai. Antônio cresceu em um lar opressor, onde sua mãe não tinha autonomia e o seu único imperativo era ser homem, o que significava seguir os passos do pai, tirar notas acima de 8,5 para não apanhar, se destacar na Marinha, fugir das atividades consideradas “coisa de mulher”, arrumar uma namorada etc. Ainda mais temeroso Antônio ficou quando sua mãe descobriu sua orientação sexual e homoafetiva. Quando a mesma ligou para o filho e quem atendeu foi um namorado. Este revelou o segredo e ainda cuspiu verdades sobre a criação do filho. Todo esse temor não era sem fundamento, tinha raízes muito mais profundas, e todas circundavam a sua criação (PEREIRA, 2017, p. 82-83).

Em uma digressão é revelado que Antônio já mostrava sinais da sua sexualidade (que era gay) desde criança, já então se configurava sua fuga de um padrão estabelecido sobre o que é masculinidade. Nessa ocasião, o filho do comandante simplesmente estava elogiando os pilotos de Fórmula 1 demasiadamente, um deles sendo Nigel. Além disso, possuía gostos diferentes e tinha conhecimentos diferentes. Somente isso foi suficiente para sofrer bullying: ser zoado pelos colegas, virar chacota, apanhar, e a confusão soar até os ouvidos do seu pai. E o mesmo reagiu. O “algoz” mostrou para Antônio “como um homem de verdade agiria” para defender-se: deu-lhe uma surra (PEREIRA, 2017, p. 13).

Infelizmente, milhares de crianças e jovens sofrem homofobia por serem quem são. Assim como Antônio também são uma espécie de idealização, seja da sociedade, seja de seus próprios pais. Antônio estava condicionado a seguir um ideal e qualquer traço que se desviasse dos imperativos impostos para preencher uma suposta masculinidade era brutalmente rechaçado e reprimido por uma idealização do próprio pai, para sustentar um papel diante de uma sistema patriarcal falido. Dessa forma, como já analisado e já constatado pelas estatísticas e estudos, muitos momentos de violência como esses deixam cicatrizes. Cicatrizes não na pele, mas na superficialidade do espírito. Traumas e marcas de situações homofóbicas são mais comuns do que se imagina, considerando todo o atraso de mentalidade na sociedade patriarcal vigente e comportamentos que perpetuam essa dualidade de gênero.

Enquanto os dentes funciona como utilidade pública e como um alento pessoal. Traz um alerta e escancara uma realidade perversa.

2.3. A Retratação de pessoas com necessidades específicas

Enquanto os Dentes também traz visibilidade para pessoas portadoras de necessidades físicas através da doença psicomotora do protagonista. Quando Antônio começa seu percurso com sua cadeira de rodas, das ruas do centro do Rio até Niterói, o leitor é convidado a acompanhar os seus múltiplos trajetos. Um trajeto geográfico, mas também para dentro de si mesmo. Então, nos é apresentado o processo da descoberta e de adaptação diante da condição de Antônio, a sua exposição no dia a dia e os obstáculos enfrentados. Assim, através de uma série de episódios, dificuldades diárias de pessoas portadoras de deficiência física ou com algum tipo de **necessidade específica** são representadas na obra (PEREIRA, 2017, p. 15).

A vida de Antônio mudou radicalmente e de forma gradual desde o acidente. Antônio é cadeirante há mais ou menos cinco anos. Desde então, deixou de fumar, viu pessoas se afastando do seu círculo social, se isolou, teve que fazer adaptações. Houve modificações no seu estilo de vida e reformas no apartamento devido à sua condição. E essa sua nova condição exigiu a implementação de hábitos novos. Era como se habitasse um novo corpo com necessidades diferentes. E aliado a essas necessidades chegaram as dificuldades financeiras (PEREIRA, 2017, p. 5). Logo, teria que se mudar do seu apartamento. E esse foi o motivo principal pelo qual sai pelas ruas do Rio.

Além de o livro descrever esses primeiros contatos com sua nova realidade, existem pontos bem sensíveis sendo tensionados. Em uma passagem, o narrador reflete o psicológico da personagem: “Morava a quatro estações do Centro. “ [...] Antes do carro capotar, Antônio costumava andar de bicicleta até o Centro [...]” (PEREIRA, 2017, p. 25). É nítido que o sentimento de “nada será como antes” afluía em Antônio, ainda mais com relação a tantas lembranças manifestando-se através de digressões. Um elemento de um momento de sua maior vitalidade é trazido à tona, diretamente da sua infância: é contado que o personagem costumava andar de bicicleta. Muito provavelmente, Antônio lembrou-se da sensação de sentir o seu rosto ao vento enquanto andava de bicicleta e de todo o trajeto percorrido. Configurando-se em um tópico sensível, pois, no momento presente da narrativa ele não

poderia andar mais de bicicleta devido a sua condição. E muitos leitores, os quais encontram-se em um mesmo lugar, talvez lembrem-se de atividades anteriores, as quais não lhes é mais possível realizar.

Outra faceta dessa representação das pessoas com necessidades específicas é a perspectiva do olhar dos outros. No processo de entrada na barca e durante a viagem até Niterói, o narrador descreve a percepção do personagem ao notar as reações das pessoas.

A área de embarque já está lotada. [...]; [...] Um sujeito de bigode grisalho chama sua atenção. Tem pinta de cigano e olha fixo para ele (é o único, os demais preferem adotar uma estratégia de não constrangimento, enfiando o nariz no telefone). O cigano o observa como quem confere um desastre de carro na rua. A visão de uma criatura erguida pelos braços, numa postura curvada, com uma perna morta-viva, deve mesmo ser das mais chocantes.

No olhar de algumas pessoas Antônio é uma pessoa incapacitada e que a todo momento precisa de um auxílio para fazer qualquer coisa, o que configura uma espécie de **capacitismo**. Obviamente, cada pessoa reage de alguma forma a certas situações. E, como mostra o relato, o narrador conta que, apesar dessa situação incomodar Antônio, ele continua sorrindo (PEREIRA, 2017, p. 10). É importante ressaltar, que apesar de Antônio agir educadamente é fundamental as pessoas buscarem informações a respeito de um assunto tão pouco discutido que é o capacitismo. Passagens do livro ilustram bem que tipo de comportamentos evitar e que tipo de noções adquirir antes de dirigir-se a uma pessoa portadora de necessidades específicas.

A obra funciona como uma denúncia. Denúncia ao desvelar a falta de **assistência de políticas públicas** para suprir e promover adaptações necessárias a um cadeirante, por exemplo: “se vivêssemos num mundo ideal, aqui na praça haveria um banheiro público” (PEREIRA, 2017, p. 10). Pode ser algo trivial, mas para uma pessoa com as necessidades de Antônio seria superimportante e pertinente a existência de um banheiro, já que uma pessoa portadora de deficiência não teria as mesmas facilidades que uma pessoa sem comprometimento motor.

Um ponto observável é toda a ambientação geográfica complementar à questão da representação literária. Essa ambientação traz consigo as controvérsias das cidades grandes abrigando grandes desigualdades e os lugares esquecidos na pobreza. Nos grandes centros urbanos, há uma verdadeira maratona de obstáculos enfrentados por quem usa cadeira de rodas como veículo principal de locomoção: estradas esburacadas, falta de rampa nas

calçadas, a mudança socioespacial das ruas, obras, pedestres, vielas estreitas etc. O livro ressalta bem alguns desses pormenores. Além disso, traz atenção para o fato de que situações simples podem ser potencializadas, como um simples embarque no ônibus pode significar todo um entrave e como as pessoas reagem a isso (PEREIRA, 2017, p. 66). E enquanto em certos lugares existem edifícios luxuosos convivendo com calçadas esburacadas a situação piora em áreas periféricas. À medida que Antônio avança, áreas insalubres começam a surgir, não havendo nenhum um tipo de acessibilidade, principalmente em áreas afastadas do centro de Niterói, onde há muito barro e morros (como em comunidades), ruas sem asfalto, que configuram adversidades para quem é cadeirante.

Sem dúvida nenhuma, os desafios para as pessoas com necessidades específicas, sobretudo, como destaca a obra, para os cadeirantes, são muitos e são de esferas complexas: o tráfego, a chuva forte, o risco de deslizamento, buracos etc. E como dito anteriormente, o livro seleciona recortes do cotidiano de um cadeirante, da sua vida, seu meio social, de como este lida com quedas e como se adapta a situações desafiadoras nos centros urbanos (PEREIRA, 2017, p. 91). Dessa forma, narrando todo o cotidiano e os percalços, a retratação desse lugar do cadeirante ou de pessoas com empecilhos psicomotores dentro das minorias torna-se fiel, ainda mais pelo fato de o autor possuir lugar de fala.

3. O LUGAR SUBJETIVO

Antônio é um conjunto de minorias, mas apesar de todos esses parâmetros, seria injusto com o próprio personagem apenas categorizá-lo como um “conjunto de minorias”. Ele é um sujeito com peculiaridades, gostos, vontades, enfim, com sua própria individualidade. Até porque mesmo dentro de assuntos referentes a pautas sociais, dentro de uma coletividade, esta também é formada por sujeitos. Sujeitos de diferentes nuances, não se tratando de uma camada homogênea. Nesse sentido, a subjetividade do protagonista é trabalhada ao longo da obra através dos pormenores suscitados e do desenvolvimento do personagem na trama, podendo ser atrelada a alguns aspectos formulados e a experiências individualizadas.

Aspectos do cotidiano do Antônio, modos como ele reage às situações do dia a dia, a tudo o que acontece ao seu redor, também fazem parte de quem ele é, fazem parte da sua subjetividade. E todos esses aspectos remontam toda uma riqueza de detalhes proveniente da narrativa que conta sua trajetória.

Por exemplo, a primeira e antiga cadeira de Antônio não era confortável anatomicamente e o fazia ficar curvado e sentir dores por isso. Mas o mesmo guardou a cadeira porque, segundo ele, não saberia se iria precisar. E o “engraçado” é que o livro tem justamente esses trechos muito familiares ao contar a história, pois é a mesma coisa que acontece com quem precisa de um óculos. Tem um lugar subjetivo mas que contempla um lugar coletivo. Outro trecho destaca: “ [...] até porque engordou bastante nesses tempos de cadeira. Agora é que vem emagrecendo.” (PEREIRA, 2017, p. 9). Relatos como esse tornam a leitura atrativa e chamam a atenção através de um ponto de vista intimista, pois são relatos compartilhados, parecidos com que compartilhamos durante a nossa vida ou já ouvimos alguma vez.

Outro aspecto que reforça a subjetividade do protagonista é a mudança descrita no padrão de vida do personagem, a mudança de classe econômica (PEREIRA, 2017, p. 47) e o fato dessa perspectiva ser acompanhada das fases de vida de Antônio. Inicialmente, depois de sair da Marinha e estar desvinculado do seu pai financeiramente, viveu em um quartinho alugado, perto da faculdade e fazia bico como garçom. Levava uma vida de universitário. Depois, na segunda fase, morou em um casarão com vários amigos - uma espécie de república - e formavam um coletivo de criação. Mas veio a demolição desse casarão. Na terceira fase, foi morar em um terreno cheio de quitinetes em um morro e, para se sustentar, seguia um amigo em bicos de faz-tudo: eletricista, bombeiro hidráulico, pintor, marceneiro, estofador.

Por fim, em uma quarta fase, reuniu suas economias até alugar o seu atual apartamento. E como destaca o livro, quando se mudou para o apartamento viveu um período de estabilidade financeira (PEREIRA, 2017, p. 18). Também, o fato de Antônio ter encomendado uma cadeira de rodas personalizada em um site alemão, tabelada em euro possivelmente, revela que ele tinha uma condição econômica/financeira estável (PEREIRA, 2017, p. 8).

Assim, é descrito um panorama de altos e baixos na vida de Antônio durante as fases da sua vida, além, é claro, do seu status econômico no decorrer delas, incluindo o modo como conseguia se sustentar e que trabalhos e atividades realizava. Ele passou por várias situações e experiências que pessoas comuns passam, por exemplo, uma pessoa que sai de casa incipientemente, passa por dificuldades; um trabalhador não se priva de certos serviços pesados pelo salário. Além disso, é importante destacar que isso contribui para Antônio não ser rotulado ou posto em certas categorias cristalizadas pelo senso comum. É negro mas não é retratado como alguém com poucas condições, ele era um jovem que alçou vôos maiores e alcançou a classe média. Ele também não era só um trabalhador, ou só um universitário, ou só alguém fora de casa. No romance, não acontece aquilo que Regina Dalcastagnè considera um problema na literatura brasileira:

A categoria “trabalhador” (ou suburbano, marginal, malandro, conforme o caso) pretende condensar numa só abstração um conjunto de milhares de experiências vividas, como se fossem uniformes. O fato é que os autores brasileiros se mostram muito mais sensíveis à variedade das vivências dos estratos sociais mais próximos ao seu. Mesmo quando se propõem a organizar alguma espécie de painel da vida contemporânea, é comum ver esmiuçadas as minúsculas variações do estilo de vida das classes médias, enquanto que a existência das multidões pobres é chapada, como se a diferença que separa um médico de um advogado fosse mais significativa do que aquela que afasta um balconista de lanchonete de um motorista de ônibus. (Dalcastagnè, 2012, p. 31).

Outro aspecto importante é concernente às particularidades de Antônio. A primeira que vale destacar é seu viés artístico. Ele é um artista, um pintor, um amante da arte. Desde pequeno é descrito como tal: “Tinha jeito para desenho e atividades manuais em geral, era o que diziam.” (PEREIRA, 2017, p. 13). E é por isso que tinha um sentimento de não se encaixar em padrões durante a infância. Já que sua família era conservadora, não havia ninguém que o incentivasse para as artes ou para atividades consistentes na escola (pelo menos o livro não descreve nada a respeito durante essa fase). Em uma passagem é relatado seu processo criativo, seu amor ao pintar, pois o mesmo se sentia humano, se sentia vivo ocupando-se com artes (PEREIRA, 2017, p. 88).

No decorrer do livro surgem várias particularidades de Antônio, algumas já citadas, como o fato de ele ser polivalente, ter saído de casa e alçado vôos maiores, ter largado a

Marinha. Além da peculiaridade em que consiste seu amor pela arte, seja da pintura ou da fotografia, uma segunda peculiaridade presente e destacada é o fato de Antônio construir uma relação ambígua e controversa para com o seu pai. O “comandante” e o “libélula azul”/ “zero doze” seguem caminhos/trajetórias inversas. São pessoas completamente diferentes. O interessante é que os apelidos revelam que tipo de pessoas são. Enquanto o comandante parece ter tido uma ascensão com relação a status de poder, os apelidos de Antônio se diferenciam com relação às fases da sua vida. E toda essa relação de ambivalências auxiliou no processo de formação da personalidade de Antônio, de quem ele é.

Um dos apelidos de Antônio consistia em «libélula azul» e abre margem para uma analogia (PEREIRA, 2017, p. 44). Não é atoa que Antônio recebe a designação de «libélula», porque de acordo com as fases da sua vida ele sofreu transformações. Sempre envolto em metamorfoses, ele percebeu quem era em processos de aperceber-se. Ele se apercebeu gay, ele se apercebeu como um homem portador de necessidades específicas mas não limitadas, ele se apercebeu como o Antônio, um sujeito único, com uma singularidade humana em meio a bilhões de pessoas no planeta. Então, o livro trabalha muito com transformações, com o que é mutável e não mutável na vida humana dentro do escopo estabelecido. E essas experiências de Antônio podem parecer comuns, mas é algo dele, um percalço individual. No final do livro acontece o clímax, porém pode-se dizer que há um processo acontecendo ao longo das páginas. Além de fazer uma viagem a si mesmo, precisa lidar com o temor que sente da figura paterna e lidar com todas as mudanças vigentes e no que elas culminaram.

Antônio sofreu bullying, com ofensas e xingamentos, passou por situações complicadas com seu pai e, depois do acidente, teve que aprender a “caminhar” novamente. Indubitavelmente, todos esses acontecimentos estavam moldando Antônio nesse seu processo de transformação, afinal são as intempéries da vida que forjam o sujeito. Há passagens fortes, que evocam memórias difíceis, seus medos: “Para não atrapalhar, Antônio aceitou com um sorriso a sugestão de usar fraldas geriátricas, minimizando as chances de que um funcionário gordo, escalado toda vez que era preciso alguém forte o suficiente para manusear seus ossos compridos, que esse funcionário resmungar demais por ter que trocar o lençol toda hora.” (PEREIRA, 2017, p. 86). E em vários momentos, especialmente quando Antônio teve que se reerguer do acidente e quando este já estava preocupado com sua condição - pois não queria dar trabalho - ele se viu no lugar de sujeito individual (PEREIRA, 2017, p. 88). Quer dizer, mesmo estando presente dentro de uma coletividade Antônio sentiu que não se encaixava de novo diante de suas adversidades.

Da mesma forma em que a crítica Regina Dalcastagné enaltece a protagonista e a obra de Maria Carolina de Jesus em *Quarto de despejo*, pode-se fazer um paralelo com a obra em questão: “[...] Constrói, enfim, uma narrativa, repleta de significados e de ambiguidades, em que a protagonista é, antes de tudo, mulher, negra, trabalhadora, mãe e escritora. A miséria não apaga nada disso.” (Dalcastagnè, 2012, p. 40). Antônio não é refém de sua condição. Ao contrário, ele a subverte e é retratado como alguém ativo, sempre com muitas facetas (PEREIRA, 2017, p. 31). Ou seja, a vida do personagem é repleta de camadas e significados que a obra desenvolve perfeitamente através de todo o panorama fornecido ao personagem e de sua singularidade literária.

Existem causas, engendramentos sociais coletivos, mas existe também o outro, o sujeito. Cada sujeito possui sua singularidade, suas peculiaridades e especificidades, as quais devem ser levadas em consideração ao serem retratadas e exploradas na literatura. Deve-se entender como o outro deve ser retratado e não colocá-lo em uma espécie de forma para enriquecer uma suposta massificação humana, ou para atender critérios de classificação. Dessa maneira, o “Eu” na obra literária *Enquanto os Dentes* possui uma subjetividade sem superficialidade.

4. TRÍADE: AUTOR, NARRADOR E PERSONAGEM

Ao adentrar a questão da representação literária, é necessário esmiuçar a relação da tríade autor, narrador e personagem. Cada uma dessas partes possui sua função dentro da narrativa: o autor é o responsável pela criação, o narrador conta a história e o personagem a executa. Quaisquer deslizes entre as partes e pode haver uma colisão. Talvez o narrador acaba se sobressaindo sobre os personagens, ou o autor pode concentrar seus muitos pontos de vista em determinado personagem ou no narrador, prejudicando o andamento da trama. É importante um enfoque teórico para estabelecer os limites de atuação de cada uma das partes dessa tríade. Assim, torna-se possível a **dialogicidade** ao abordar conceitos como **legitimidade** na escrita e no **lugar de fala** reivindicado. Nesse viés, mais teórico, alguns temas são postos na balança: o estabelecimento dos norteamentos para a concepção de um personagem (considerando um ensaio de Antonio Candido); a postulação de como o juízo de valor entre autor e narrador incide sobre o personagem; e a investigação, tendo como base o teórico Norman Friedman, a respeito do impacto de diferentes pontos de vista tendo o narrador como ponto central.

4.1. A construção da personagem

A investigação das condições necessárias para a existência de um personagem advém do seu momento de criação e atravessa a percepção deste, principalmente quando escreve-se a respeito de “outro”. Cada ação, gesto, intuito precisa ser então milimetricamente calculado a fim de ser coerente com o enredo e com o próprio personagem:

Na verdade, enquanto na existência quotidiana nós quase nunca sabemos as causas, os motivos profundos da ação, dos seres, no romance êstes nos são desvendados pelo romancista, cuja função básica é, justamente, estabelecer e ilustrar o jôgo das causas, descendo a profundidades reveladoras do espírito. (Candido, 2009, p. 62).

Assim, as ações, as ideias, quem o personagem é, seja um dos protagonistas, coadjuvantes, figurantes, precisam estar claras, isto é, precisam estar bem desenvolvidas. E qual a importância disso? Justamente, como explica Antonio Candido, ao citar o escritor francês François Mauriac:

[...]Para êle, o grande arsenal do romancista é a memória, de onde extrai os elementos da invenção, e isto confere acentuada ambigüidade às personagens, pois elas não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas. Cada escritor possui suas “fixações da memória” que preponderam nos elementos transpostos da vida.[...]; “[...] o essencial é sempre inventado. [...] (Candido, 2009, p. 62).

Então, como um personagem é concebido? Através das “fixações da memória” do seu autor. Quando as ideias e o comportamento de um personagem tornam-se claras, assim também é possível conceber a autenticidade de um personagem, e assim o rumo da narrativa e as supostas pretensões do autor para com sua obra também tornam-se desveladas, já que o personagem será desenvolvido a partir das articulações das ideias do autor.

Existem maiores nuances na conceptualização de personagem mediante ao seu autor, principalmente quando o autor resolve escrever sobre o “outro”. Para tal, o escritor precisa ter propriedade sobre o que irá escrever, propriedade sobre o seu personagem, a fim de concretizar a materialização deste. Pois, quando o romancista tem propriedade:

[...] no romance o sentimento da realidade é devido a fatores diferentes da mera adesão ao real, embora êste possa ser, e efetivamente é, um dos seus elementos. Para fazer um último apêlo a Forster, digamos que uma personagem nos parece real quando “o romancista sabe tudo a seu respeito[...]”, “[...]É como se a personagem fôsse inteiramente explicável; [...] (Candido, 2009, 61).

A questão da propriedade está justamente atrelada à legitimidade do personagem, `a maneira em que o escritor o apresenta, e ao lugar de fala - já discutido anteriormente neste trabalho - para tornar aquele personagem verossímil.

A apresentação de Antônio na obra *Enquanto os Dentes* relaciona-se às proposições de Antônio Candido e exemplifica como acontece a construção de um personagem bem desenvolvido na representação literária. Em uma entrevista a um canal no youtube o autor Carlos Eduardo Pereira conversa sobre o momento de criação do seu personagem. O escritor é cadeirante e deixa explícito que não transferiu a si mesmo para o personagem, mas que para criá-lo baseou-se em experiências da sua própria vida. E este movimento de vai e vem advém de suas experiências enquanto usuário de cadeira de rodas. Então, o autor possui uma legitimidade, possui lugar de fala ao definir os contornos de Antônio porque “ele é o outro”. E esse movimento de vai e vem, um artifício estético, é algo intrínseco que dialoga com a dinâmica do próprio personagem e também com as ideias desse autor. Assim, ambos, Carlos e Antônio, autor e personagem estão atrelados nesse momento originário e no desenvolvimento

do romance. Analogamente, esse recorte estético e narrativo é reforçado por Antonio Candido:

Neste mundo fictício, diferente, as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contornos definidos, — ao contrário do caos da vida — pois há nelas uma lógica pré-estabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes. Todavia, segundo Mauriac, há uma relação estreita entre a personagem e o autor. Este a tira de si (seja da sua zona má, da sua zona boa) como realização de virtualidades, que não são projeção de traços, mas sempre modificação, pois o romance transfigura a vida. (Candido, 2009, p. 61).

Dessa forma, é inegável que o autor possui vínculo com o personagem principal, porém, o personagem obedece a uma lei própria, a lei de ficcionalidade para com a conceptualidade de um personagem. Por isso, pode-se observar mais nitidez, consciência e contornos definidos em Antônio, já que o mesmo é construído sem interferências externas ou de terceiros, tal como de algum juízo de valor do autor ou do tipo de narrador.

4.2. Autor, narrador e foco narrativo

Imagine que um dia você está em pé e descobre que em algum momento será confinado em uma cadeira de rodas. Com certeza teria uma visão diferente de tudo ao seu redor. Similarmente, foi o que aconteceu com Antônio. Em um dia conseguia andar, mas, em outro, se descobriu cadeirante. Por conseguinte, envolto em todo um processo de descobertas. Como faria para fazer compras? Como faria para tomar banho? E se resolvesse circular pela cidade? Todas as questões exigiram um tempo de resposta, de adaptação. O fato é que no livro Antônio já começa em seu caminho, no início do seu vai e vem, e o narrador nos fornece acesso a sua perspectiva, não uma em pé, mas de uma altura reduzida, temos assim uma visão privilegiada do seu trajeto.

O narrador tem a sugestiva função de narrar, de contar a história dentro de um romance. E a visão do autor pode comprometer a função do narrador, de modo que transpasse a sua função tradicional de contar o que se sucede em uma narrativa. A crítica literária Dalcastagnè postula em uma das suas análises que o narrador pode apresentar um juízo de valor mas que ir além pode ser perigoso. Então, corre-se o risco dele silenciar uma personagem e deixar suas impressões sobressaídas na narrativa. Em uma outra análise, a crítica afirma que o narrador cumpre a sua função, apesar de também possuir um juízo de valor. (2012, p. 36). Dessa forma, assume-se que é mais escancarada a posição que o narrador assume. Isso porque um autor sempre vai imputar um juízo de valor em suas obras. Agora a

forma como esse juízo será manifestado é diferencial. Às vezes pode ser de forma implícita e às vezes de forma explícita. (Dalcastagnè, 2012, p. 37)

Na obra em questão, o narrador é impessoal e onisciente, assim, presta-se a narrar somente os acontecimentos e digressões, os quais alternam-se entre si. Ou seja, apesar de o autor possuir um juízo de valor, não há uma tendência presente, uma vez que, os fatos são narrados sem ocultação ou predileção “por A ou B”. E o fato de o narrador possuir uma impessoalidade não o impede de ter seus juízos de valores, os quais muitas vezes estão discretamente postos na composição estética.

Segundo Norman Friedman o ponto de vista narrativo oferece um *modus operandi* para saber o grau de envolvimento do autor. Para escrever um material/conteúdo ético é preciso conciliar a visão do narrador, autor e daquilo que será escrito, a fim de criar um todo coerente/coeso, de acordo com o campo literário. Por limitar o foco ou ponto de vista de cada personagem, a história ganha uma fluidez, uma coerência. E isso faz toda a diferença para o narrador onisciente, como é no caso de *Enquanto os Dentes*. Friedman cita Henry James na sua preocupação de definir um “foco” ou “centro” narrativo:

[...] O que foi solucionado, em larga medida, pela consideração de como o veículo narrativo podia ser limitado pelo enquadramento da ação na consciência de um dos personagens da própria trama.[...]; “[...] Logo, uma vez que a irresponsável quebra das ilusões do gárgulo autor onisciente - que conta a estória como ele a perceber, e não como um de seus personagens - é eliminada por esse dispositivo, a estória ganha em intensidade, vividez e coerência.[...] (Friedman, 2002, p. 169).

Como a literatura é uma forma de representação na arte, se o autor se limita apenas a reproduzir sua opinião em sua obra ele não estará debruçando-se na arte literária, ele estará apenas reproduzindo a verdade que lhe convém. Logo, não representará as coisas como são ou com uma licença poética, pois estará apenas refletindo sua própria perspectiva através do narrador.

Friedman também considera a opção de a história ser contada por um dos personagens, porque então não haverá a necessidade do narrador relatá-la ou explicá-la indiretamente: “[...] A consciência mental é, portanto, dramatizada de maneira direta, em lugar de ser relatada e explicada indiretamente pela voz do narrador, muito da mesma forma que palavras e gestos podem ser dramatizados diretamente (*cena*), em vez de serem resumidos pelo narrador (*panorama*). [...]” (Friedman, 2002, p. 170). Obviamente, não é Antônio que conta sua história ou o seu percurso, embora sua perspectiva seja bastante enfatizada,

justamente porque é enquadrada de modo que o leitor possa ver todo o seu “movimento”, através do narrador onisciente. Por isso, é importante que o escritor seja criterioso na escolha do seu narrador, já que essa escolha irá impactar toda a trama, seja no viés estético, no desenvolvimento do personagem, no foco narrativo. Friedman ainda complementa citando o trabalho da Sra. Wharton:

Deveria ser a primeira preocupação do escritor escolher deliberadamente a mente que refletirá a sua, como se escolhe o local para uma edificação...e, isso feito, viver dentro da mente escolhida, tentando sentir, ver e reagir exatamente como faria esta, não mais, não menos, e acima de tudo, não de outra forma. Só assim poderá o escritor evitar a atribuição de incongruências de pensamento e metáfora ao intérprete escolhido. (Friedman, 2002, p. 170).

A escolha do narrador refletirá necessariamente o ponto de vista que a história terá, em outras palavras, incidirá na forma que a história será contada. “[...] Um romance, diz ele, revela normalmente um mundo criado de valores e atitudes, e o autor é assistido nessa busca por uma definição artística desses valores e atitudes pelo *medium* de controle oferecido pelos dispositivos do ponto de vista. [...]” (Friedman, 2002, p. 176). Como já citado anteriormente, o narrador de *Enquanto os Dentes* é um narrador onisciente neutro, e Friedman o caracteriza da seguinte forma: “Com relação à caracterização, embora um autor onisciente possa ter predileção pela cena e, conseqüentemente, permita a seus personagens falar e agir por eles mesmos, a tendência predominante é descrevê-los e explicá-los ao leitor com sua voz própria. [...]” (Friedman, 2002, 175). E é justamente isso que acontece no decorrer da narrativa. Todas as situações envolvendo Antônio são descritas e as nuances do seu passado são explicadas pelo narrador. O narrador onisciente neutro não toma qualquer atitude para influenciar o leitor com relação ao personagem, ou muito menos possui um ar independente além daquele que lhe é designado pela sua função/característica. Por isso, o foco narrativo reside de forma neutra no romance, não é atoa que o leitor acompanha Antônio seja lá onde este for.

5. ELEMENTOS DA NARRATIVA E ESTÉTICOS QUE COMPÕEM A PERSPECTIVA LITERÁRIA DA OBRA

São múltiplos os artifícios que incrementam a perspectiva estética de *Enquanto os Dentes*, enquanto certos subsídios narrativos, os quais aparecem de forma recorrente no decorrer da obra, enriquecem e tecem uma proeminência literária. E esses elementos estéticos contribuem para a verossimilhança da obra, porque apesar de ser uma ficção, contém aspectos que remetem à realidade vigente. Conceito destrinchado por Antonio Candido:

Assim, a verossimilhança prôpriamente dita, — que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção igual a vida), — acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossimil. Conclui-se, no plano crítico, que o aspecto mais importante para o estudo do romance é o que resulta da análise da sua composição, não da sua comparação (Candido, 2009, p. 69).

A estética da obra também é reforçada pelos consistentes elementos narrativos construídos. Um personagem bem desenvolvido e com um plano de fundo complexo, um narrador onisciente que cumpre a sua função e um enredo promissor - temas esses já explorados - conversam entre si na narrativa. Além disso, dois pontos que ainda podem ser destacados são as configurações entre tempo e espaço, as quais tornam-se ajustáveis de acordo com a pretensão da ambientação. E esses elementos narrativos reforçam o viés estético da obra.

Cada artifício elencado, então, é dividido em três instâncias. O Vai e vem de Antônio é um elemento estético que faz ponte com o circular deste pela cidade e também dialoga com seu retorno a si mesmo, isto é, seu retorno ao passado por meio de uma série de digressões; já o enquadramento de perspectivas diz respeito à captura de certos momentos na narrativa, assim como a capacidade que uma máquina fotográfica possui de captar certos momentos marcantes da vida; e o sentimento de desesperança evocado, o qual é construído de forma sutil e gradativamente, é mostrado à medida que o passado de Antônio é desvelado e se choca com o seu presente, revelando um futuro obscuro. Enfim, cada artifício estético, cada elemento narrativo aparece como um pedaço fragmentado que compõe um lindo mosaico literário, o mosaico de *Enquanto os Dentes*.

5.1. Enquadramento de perspectivas

Não é atoa que o livro parece frisar a questão da relação de Antônio com a fotografia desde o primeiro contato deste com esta e como o mesmo sente prazer nessa profissão (PEREIRA, 2017, p. 48-49). A fotografia evoluiu ao longo das décadas e hoje em dia é tratada como arte. Sabe-se que ela eterniza, registra momentos e personagens. Analogamente, a função estética da fotografia cruza-se com a função estética na narrativa, promovendo um enquadramento de perspectivas. Apesar do *Vai e Vem* do Antônio, existe um enquadramento fotográfico presente na obra. Uma espécie de congelamento temporal, em que determinado ponto do tempo é congelado e abre-se espaço para a descrição desse momento no espaço-tempo em que se passa a cena.

Existem diversos momentos em que esses congelamentos são atuantes na narrativa através do olhar do transeunte. Seja por cenas encontradas nas ruas ou por recortes do seu passado. Fato é que há sempre nelas um olhar atento. E em todo o trajeto de Antônio esse artifício encontra-se presente. Por exemplo: em um dia chuvoso (o mesmo dia em que acontece toda a narrativa), enquanto está catando moedas para comprar três cigarros, há um congelamento da cena em que é descrito como Antônio se apertava para caber na banca de jornal e toda a sensação proveniente de fumar, do seu trago. Mais adiante, há descrição da praça e dos moradores de rua, e é como se o narrador desse sempre um zoom pela óptica de Antônio, ampliando todos os elementos em cena. Mas, em especial, há um congelamento mais profundo realizado.

Neste mesmo dia Antônio se depara com uma cena. Ele observa uma mãe brincando de pular as poças de água com seu filho. E é perceptível que Antônio tem um olhar de um artista apurado, que transforma cada momento simples em um momento repleto de significados. Ele tenta utilizar sua câmera com um propósito, só que como a passagem fala, Antônio não teria ou não teve a habilidade necessária para tirar a foto tal como a conceptualizou. Talvez devido a sua condição. E é interessante como o livro expõe a concepção da foto e os comandos necessários para obter exatamente a tal foto imaginada pelo personagem (PEREIRA, 2017, p. 8). É nesse exato momento que o tempo para e a cena é exposta. Então, aparecem certas informações espaciais e necessárias para a ambientação da cena: o dia chuvoso, as poças da água, os minipostes prateados, as pedras portuguesas, o movimento realizado pela mãe e a filha para desviar dos obstáculos, o quanto estão felizes brincando - o que pode remeter também a como Antônio desejaria se sentir com relação aos

seus pais, ou como ele desejaria que a relação deles fosse, já que o motivo da foto era a mãe e o filho -, tudo isso compõe uma foto, uma imagem, uma representação. Ou seja, Antônio idealiza um momento repleto de significados porque aquele momento possui um significado para ele, um significado dentro da própria narrativa. Indubitavelmente, realiza-se uma analogia de um olhar atento na literatura como o de um fotógrafo. Até porque precisa-se de um olhar atento para retratar certas nuances e peculiaridades.

5.2. Vai e vem do Antônio

Como já dito anteriormente, a chama motriz do enredo é o deslocamento de Antônio pelo Centro do Rio até Niterói, é nesse trajeto que desenrola-se toda a narrativa e acontece o vai e vem do personagem principal. Há um motivo concreto para esse vai e vem acontecer, mas também há um significado a mais dentro da narrativa, um significado literário.

A movimentação dele enquanto cadeirante é similar ao de diversas outras pessoas que se encontram na mesma condição, sempre lidando com obstáculos no trajeto e tendo que desviar-se deles. Talvez a pessoa siga uma direção, mas na esquina tem um cone, ou algo interditado, uma obra sendo realizada. Com isso, vê-se obrigada a dar meia volta e encontrar uma nova rota. Esse vai e vem, inclusive, é algo que o próprio autor vive no dia a dia. Por conseguinte, fica evidente no livro a dificuldade que Antônio possuía para utilizar-se dos meios de transporte. O próprio embarque e desembarque da barca tivera todo um transcurso desconfortável durante o período da sua viagem. E quando o mesmo precisou de um táxi, contentou-se com a notícia da impossibilidade do seu transporte (PEREIRA, 2017, p. 64), restando-lhe apenas uma corrida de obstáculos, tendo as poças de lama para desviar. Ademais, faz sentido Antônio entender tão bem a geografia do ambiente em que vive, afinal é notória a dificuldade de conseguir meios de condução adaptáveis à sua condição.

No livro o transeunte segue um caminho, mas o mesmo caminho possui várias ramificações, talvez desvios, ou pode-se dizer que o mesmo caminho possui variados caminhos diferentes. E é nesse movimento que Antônio percebe que tudo é mutável, que nada permanece para sempre, além de conseguir observar todas as transformações socioespaciais ao seu redor, nas cidades, nas ruas, durante o seu trajeto. Não é atoa que Antônio não faz um percurso linear rumo ao seu objetivo. Parece ser um caminho sinuoso. Sinuoso como a viagem a si mesmo. O livro então coloca uma problemática e a amplia.

São tantas memórias evocadas, tantas as lembranças resgatadas. Em meio ao seu

trajeto de algumas horas, Antônio rememora os momentos marcantes de sua vida e também momentos peculiares. É então que o vai e vem assume um viés estético, assumindo uma forma literária através de uma série de digressões do protagonista, as quais ocorrem ao longo da narrativa até seu final.

Momentos de dor, sofrimento, alegria, descobertas, paixões. O personagem está passando por uma espécie de retrospectiva, lembrando dos episódios de sua vida através dos *flashbacks* expostos e realizando reflexões. Inclusive, uma possível explicação para o seu tremor em uma das passagens do livro, para além da sua doença, é indicar que traumas do passado lhe causam uma reação psicossomática (PEREIRA, 2017, p. 13). Então há vários episódios de digressões, no caminho ao centro, ao percorrer os endereços que morou e as fases já mencionadas. Como também experiências do trabalho como carnavalesco, ou na vez em que se encontrava com um conhecido às escondidas. Todos esses momentos estão sendo rememorados, uma vez que Antônio encontra-se cada vez mais perto de um dos momentos mais decisivos da sua vida, que é encarar os seus pais novamente. Dessa forma, tudo passa na sua cabeça com resquícios de uma espécie de *flashback*, e esse vai e vem como opção estética tem também uma função dentro da narrativa: lembrar que toda a movimentação, que todo “vai e vem”, assim como tudo em volta de Antônio muda, transforma-se, permanece, também é mutável, mas que também chega ao fim.

5.3. Sentimento de desesperança evocado é compartilhado com tanta gente

Antes de entrar no sentimento despertado mediante o mergulho literário em mais um artifício estético, é preciso atentar-se para a capa do livro, onde é possível encontrar no título um significado mais profundo. O leitor há de se perguntar: O que significa *Enquanto os Dentes*?

"Enquanto os dentes da boca deram conta, ele mordeu, sustentou a vida que havia construído tijolo a tijolo, só que agora não dá mais. Agora ele sabe que acabou." (PEREIRA, 2017, p. 58). Sem dúvida, essa passagem exprime bem o razoável significado da expressão e dialoga com a questão vigente, possuindo aplicações complementares entre si. Primeiramente, é importante frisar que o termo “enquanto os dentes” é uma metáfora. E, sendo linguagem conotativa, figurada, significa “o quanto suporta”/ “até onde suporta”. Ou seja, “enquanto os dentes” é o equivalente ao quanto Antônio conseguiu suportar. Suportar o quê? Suportar todos os anos de opressão enquanto levava uma vida dupla para agradar os próprios pais; o quanto precisou de força e paciência para passar por um processo de adaptação após o acidente; o

quanto precisou suportar diariamente os desafios por ser quem é: gay, negro, cadeirante; e agora, após ter consolidado toda uma vida, “enquanto os dentes da boca deram conta” se virou sozinho até o avanço da terrível doença que o acomete, a qual agora o força a voltar para o início e deparar-se com seus algozes: os seus pais.

No decorrer do livro, aos poucos, são reveladas particularidades do caso do Antônio: o fato de gradativamente estar perdendo os sentidos, é compartilhado com o leitor o seu estado clínico com relação a sua medula, bem como suas limitações físicas (PEREIRA, 2017, p. 58-59). Essas particularidades são reveladas aos poucos, através de uma série de alternâncias entre várias digressões, as quais oferecem um “amornar” na trama, talvez preparando também quem segura o livro para seja lá o que estivesse por vir, assim como para choques com a realidade presente de Antônio. É interessante notar que, à medida que o leitor avança, é criada uma tensão, é gerada uma expectativa, e o leitor começa a questionar-se para onde Antônio está indo e qual será o seu desfecho. Uma vez que a tensão instaurada no leitor se dá através do movimento cíclico da própria narrativa, é nesse ritmo que pouco a pouco uma pugna é criada, gerando um clima mórbido e um sentimento de desesperança.

Após o vai e vêm de Antônio, como tudo um dia chega ao seu fim, no clímax há uma revelação surpreendente. Não há mais como fugir. É revelada a explicação da gravidade do caso de Antônio e as consequências para além do seu acidente. Antônio possui uma doença irreversível, uma doença psicomotora agravada pelo acidente, chamada neuromielite óptica, uma doença inflamatória, degenerativa e irreversível (PEREIRA, 2017, p. 84).

Com o clímax apresentado, é importante ressaltar também que a narrativa o tempo todo apresenta esses “sinais do fim” até mesmo no início da aventura, quando alguns termos são utilizados como “viveu tempos gloriosos”, quando ele empreendeu um trabalho atrás do outro, vivia com a casa cheia de amigos em um local bem localizado e possuía um ateliê. Mas, como o narrador frisa, “isso foi antes do acidente” (PEREIRA, 2017, p. 18). E no fato do narrador frisar que Antônio não gostava de silêncio, indicando talvez que fosse a última coisa que ouviria (PEREIRA, 2017, p. 43).

Dessa maneira, Antônio tinha talvez mais certezas do que incertezas pela frente, a certeza maior era que precisaria voltar para a casa de seus pais. Porque pouco a pouco a doença foi acometendo-o e este começou a isolar-se de tudo e de todos. A sua própria vida foi se degenerando. Chegou a inventar mentiras, que estava com depressão, em uma espécie de estado de negação para que os amigos se afastassem dele (PEREIRA, 2017, p. 79). Mas, devido ao seu caso agravar-se e as quedas tornarem-se constantes, precisaria da ajuda de alguém, coube recorrer aos pais. E o que isso tudo indica? Além de reforçar o sentimento de

desesperança, apresenta-nos o processo de esvaziamento do ser, o qual não possui mais vida sexual, seus amigos estavam longe, sofreu uma última queda (PEREIRA, 2017, p. 92). Talvez a verdadeira viagem de Antônio não fosse até a casa dos seus pais, os quais nem ao menos o acolheram, porém, fosse a si mesmo, e talvez essa fosse sua última viagem.

CONCLUSÃO

A perspectiva literária da obra *Enquanto os Dentes* mostra-se assertiva no que se refere à representação das minorias e do lugar subjetivo. O autor possui bagagem teórica e empírica, possui lugar de fala e, logo, possui legitimidade diante de um viés coletivo. Ele é responsável por criar situações verossímeis mediante a ficcionalidade, através das suas pesquisas e experiências enquanto gay, preto e cadeirante. Por sua vez, o lugar subjetivo é retratado sem superficialidade. Dessa forma, Antônio é um dentre vários Antônioos, porém, não deixa de ser ele mesmo, de possuir identidade. Ele não deixa de ser um personagem crível e bem desenvolvido, o qual possui seus contornos e peculiaridades bem trabalhados, o que dá um toque acentuado na sua individualidade. Além disso, a tríade autor, narrador e personagem trabalha em consonância, cada um respeitando seus próprios limites diante do contexto literário. Preservando o caráter dos grupos marginalizados, a autenticidade do personagem e o caráter da literatura. Ademais, são os elementos narrativos e estéticos que tornam as representações na obra consistentes, estabelecendo assim uma singularidade literária.

Como a literatura é arte, e a arte é livre, esta não deve ser cerceada. Então, a crítica e escritora Dalcastagnè traz atenção para uma série de apontamentos para que os autores, fora do meio das minorias, possam retratar de forma fiel (apesar de não ocupar o famigerado lugar de fala) personagens vulneráveis socialmente: o aumento da consciência sobre diversas formas de preconceito é uma prerrogativa e a ampla pesquisa das mazelas das pessoas vulneráveis socialmente ou que compõem uma dita minoria (Dalcastagnè, 2012, p. 32). Dessa forma, será viável o alcance do que a mesma postula como **democratização literária** vinculada a um viés social. A qual é uma conscientização do que está sendo escrito, dos preconceitos existentes, pois não é preciso necessariamente taxar um personagem como miserável etc., como se este termo definisse a ele e às demais pessoas de um grupo social. Também é preciso ter uma sensibilidade político social (Dalcastagnè, 2012, p. 46-47)

Enfim, surge a necessidade da democratização literária estar vinculada a um viés social. Com a abertura das formas de **representação na literatura brasileira** diante de um contexto contemporâneo, há a possibilidade do lugar de fala e da legitimidade de grupos minoritários. E embora muitas obras falhem nesse sentido, *Enquanto os Dentes* vai na contramão: consegue exprimir com maestria a **diversidade das percepções do mundo**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AZEVEDO, A. **O cortiço** [recurso eletrônico] 2018, 1ª edição; 2019, 2ª edição. Linha Cidadania, Série Prazer de Ler.
- CANDIDO, A. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DALCASTAGNÈ, R. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. 1. ed. São Paulo: Horizonte, 2012.
- PEREIRA, C. E. **Enquanto os dentes**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2017.
- FONSECA, R. **Feliz Ano Novo**. 11. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2021.
- FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**. 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2006.
- FRIEDMAN, N. **O ponto de vista narrativo**. REVISTA USP, São Paulo, n. 53, p. 166-182, março/maio 2002.
- HEDGECOE, J. **O novo manual de fotografia**. 4. ed. São Paulo: Senac, 2013.
- LAJOLO, M. **Literatura: ontem, hoje, amanhã**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- LUIZA, M.A.; NOGUEIRA, M.P; FADEL, Tatiana. **Português**. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2005.
- BOURDIEU, P. **A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (ORGS.). **Pierre Bourdieu - Escritos de Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.